

entrevista

KAREL HELSEN, PRESIDENTE DO FTTH COUNCIL EUROPE

“Portugal é exemplo a seguir”

As RNG e as alterações climáticas são temas fundamentais para o futuro das TIC em Portugal. Há que criar um sentido de urgência e traçar um caminho. E a APDC pretende ter um papel a desempenhar, criando a dinâmica certa para agilizar e acelerar processos

O investimento efectivo em redes de fibra óptica é vital para o crescimento económico e o desenvolvimento social. E a União Europeia não pode perder mais tempo. Há que avançar rapidamente com estas infra-estruturas no espaço comunitário, pondo fim às grandes discrepâncias que continuam a persistir entre os vários países. E como será muito difícil encontrar um modelo que funcione em toda a Europa, governos e reguladores sectoriais poderão e deverão ter um papel fulcral a desempenhar neste processo. Esta é a posição de Karel Helsen, para quem há que “reforçar as responsabilidades dos reguladores nacionais, de forma a assegurarem localmente a criação de um bom modelo, que funcione no país”. Destacando acreditar que a “UE está a fazer o seu melhor” nas redes de alta velocidade, o presidente do FTTH Council Europe diz, em entrevista, que há que acelerar rapidamente a aposta na fibra a nível europeu, sob pena de se perder a vantagem competitiva a favor de regiões como a América do Norte e a Ásia/Pacífico, já bastante mais avançadas neste tipo de redes, que trazem mais inovação e maior desenvolvimento. Portugal, a par da Holanda, é um bom exemplo do que pode

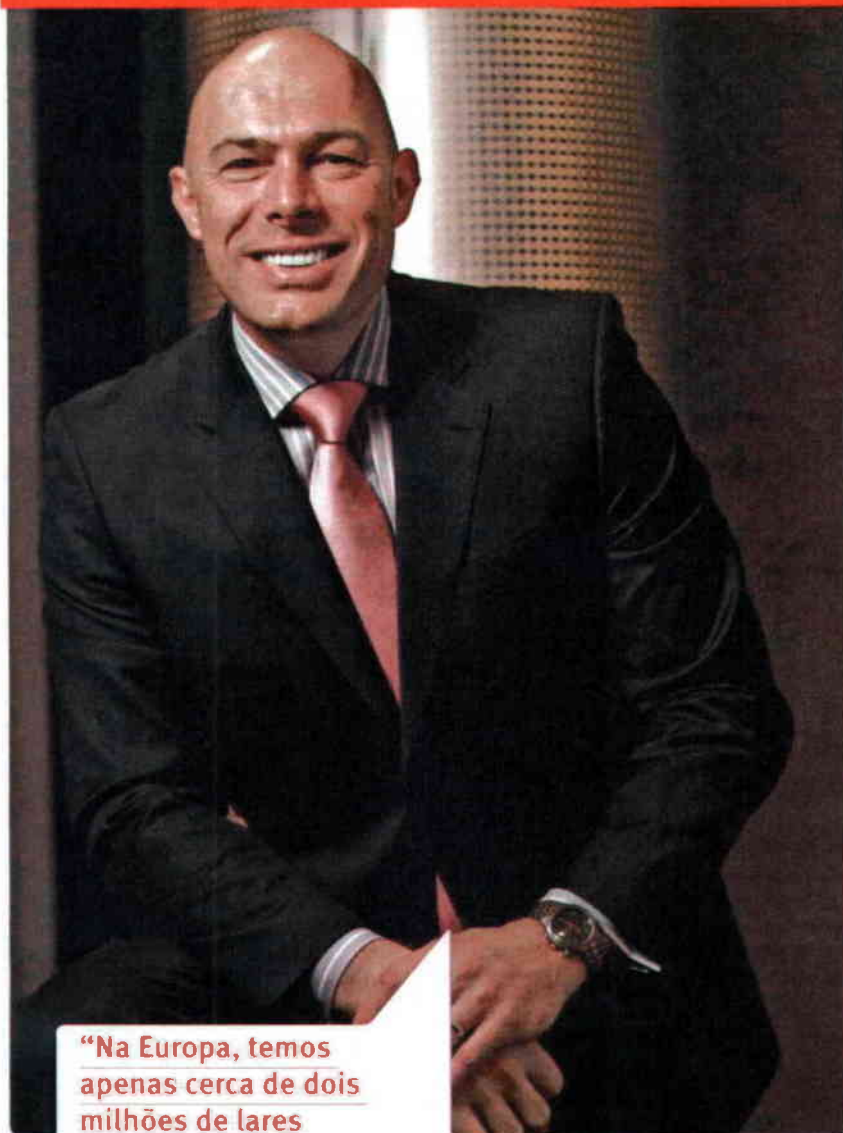
ser feito na cobertura rápida e efectiva do País com uma infra-estrutura de alta velocidade aberta a todos os operadores.

Que impacto teve em 2009 a recessão no mundo das TIC ao nível da União Europeia? E de que forma é que influenciou o investimento nas redes de nova geração?

Em toda a Europa assistimos a uma clara recessão económica. Mas, paralelamente, continuámos a constatar um aumento do investimento em FTTH. Há muitos operadores que estão a investir nesta área, a par de algumas entidades municipais e mesmo algumas *utilities*, como as companhias de electricidade. Vemos cada vez mais operadores incumbentes a apostar nestas infra-estruturas. E há vários estudos que confirmam que, apesar do abrandamento económico, as empresas continuaram a investir em fibra. Embora menos que o previsto, já que antes da crise as previsões apontavam para a existência de 15 milhões de linhas em 2012 e os números situam-se abaixo: 13 milhões de linhas em 2012. Houve claramente um impacto na curva de crescimento, mas mesmo assim continuou a registar-se um investimento saudável na Europa.

Os pacotes anticrise anunciados ao nível comunitário têm considerado a indústria das comunicações electrónicas – em especial o investimento em banda larga de alta velocidade – como crítica para a recuperação económica e social. As medidas tomadas pela UE na área das TIC têm funcionado ou podia ter-se feito mais?

É verdade que o lançamento das redes de nova geração contribui para a recuperação económica. Por uma simples razão: não é necessário muito planeamento para lançar este tipo de redes, para abrir valas nas ruas ou para obter licenças por parte dos governos. É muito mais fácil investir no desenvolvimento do FTTH do que planear uma nova ponte, uma auto-estrada ou uma linha ferroviária. Do ponto de vista governamental, numa perspectiva fiscal, é muito mais fácil alocar dinheiro e criar emprego na Europa com a construção destas RNG do que com outras áreas infra-estruturais. É por isso que muitos governos na Europa estão a dizer: “Vamos utilizar o desenvolvimento destas redes como uma espécie de pacote de estímulo fiscal para nos tirar da crise.” Uma vez criadas, estas redes vão gerar muitas e novas oportunidades para as empresas que estão a desenvolver novos serviços e novas aplicações.



“Na Europa, temos apenas cerca de dois milhões de lares conectados em fibra óptica e estamos muito fragmentados. Cada país tem uma dinâmica muito própria no que toca à regulação e às condições de mercado”

Mas continuam a existir grandes diferenças no que toca ao desenvolvimento destas redes no espaço europeu. Como é que se consegue uma estratégia comum para toda a Europa que permita um desenvolvimento mais harmonioso e homogéneo?

O que vemos é que na região Ásia/Pacífico o lançamento destas redes está a decorrer em velocidade de cruzeiro pela simples razão de que os governos daqueles países exigem que estas infra-estruturas estejam prontas. São os próprios governos que impulsionam este mercado, liberalizando-o e criando redes abertas. Acreditam que são necessárias para garantir o crescimento futuro e trazer melhores condições de vida aos seus cidadãos. Os governos da Ásia/Pacífico assumem aqui uma enorme responsabilidade. Já nos Estados Unidos a situação é mais simples, pois o número de operadores é limitado e o regulador sectorial viu-se forçado a lançar

BI**Karel Helsen**
Presidente do FTTH
Council Europe

Karel Helsen lidera o FTTH Council Europe desde Abril de 2009, para onde foi nomeado pelo *board of directors*. É, em paralelo, vice-presidente da empresa holandesa Draka Communications, sediada em Amesterdão. Holandês, com 46 anos e formado em Ciências da Computação pela Universidade de Utrecht. É especializado em Business Economics, Finance and Investment and Political Economy pela Erasmus University, em Roterdão. Tem mais de duas décadas de experiência nas indústrias de electrónica e telecomunicações, tendo passado por vários países, incluindo Portugal, onde viveu cinco anos. Karel Helsen tem vindo a desenvolver um papel activo no FTTH Council Europe desde Junho de 2007, altura em que foi eleito presidente do então recém-criado Comité de Desenvolvimento e Operação. Um ano depois passou a membro do *board* da organização, com ligações ao Council's International Advisory Group (IAG).

legislação para melhorar a quota de mercado, claramente dominado pelo cabo. E constatamos um crescimento na aposta nestas redes. Na Europa, temos apenas cerca de dois milhões de lares conectados em fibra óptica e estamos muito fragmentados. Cada país tem uma dinâmica muito própria no que toca à regulação e às condições de mercado. A Comissão Europeia quer manter um ambiente competitivo aberto e não quer ver os antigos incumbentes a tornarem-se novamente monopolistas. Quer também criar nuvens de investimento. O que é muito difícil de fazer numa escala europeia, pois há muitas diferenças entre países. ►



entrevista

Mas como é que é possível encontrar uma solução equilibrada na Europa entre os interesses dos incumbentes, que querem redes fechadas, e os interesses dos demais operadores, que defendem redes abertas?

Esse é o problema. Os incumbentes querem investir milhões nesta área e querem proteger o seu investimento. E os reguladores querem que estas redes sejam abertas. Portugal é, neste âmbito, um bom exemplo. Em Portugal, como na Holanda, o regulador sectorial disse que quer redes abertas, disponíveis, numa perspectiva de *wholesale*, para todos os operadores. E a Anacom especificou, num conjunto de regras, qual deveria ser o comportamento da Portugal Telecom, de forma que fosse possível aos operadores alternativos construir os seus próprios serviços. Trata-se de uma excelente iniciativa por parte de um regulador sectorial, ao garantir a existência destas redes abertas e a sua disponibilização para todos os operadores. Assim, todos poderão oferecer os seus serviços aos seus clientes.

A solução portuguesa permite a existência de redes fechadas, que protegem o investimento de quem investe. O que se garantiu foi a construção de redes alternativas abertas...

Mas a Anacom especificou que a PT deve revelar onde tem as suas condutas e a disponibilidade existente nessas condutas, assim como o prazo de tempo durante o qual a PT deve dar uma resposta a um pedido. É um bom sistema. Na Holanda, por exemplo, o incumbente KPN está a construir, em conjunto com os operadores alternativos, uma rede aberta, que estará disponível para qualquer operador que queira oferecer serviços sobre essa infra-estrutura. Esta mentalidade, de operadores que querem investir e que querem abrir as suas redes a outros, numa base de *wholesale*, é uma das formas de quebrar o impasse que temos na Europa. Penso que também aqui os governos podem ter um papel determinante, não só ao nível europeu mas também global. Porque criar estas redes de alta velocidade e abri-las às empresas e às pessoas é de uma importância vital para o crescimento económico. Se não criarmos esta oportunidade, podemos perder a nossa vantagem competitiva a favor de regiões como a América do Norte e a Ásia/Pacífico. Com estas redes, as pessoas aprendem mais depressa e as empresas são mais capazes de criar inovação. Na Europa, vamos demorar dez anos a construir estas infra-estruturas, o que nos irá atrasar numa perspectiva económica. É também por isso

que acreditamos que é crucial para os governos nacionais garantir que estas redes estejam disponíveis para todos os sectores de actividade e em todo o território. Incluindo as áreas rurais, porque é nelas que temos o chamado *digital divide*.

QUE "SOLUÇÃO PERFEITA"?

Bruxelas prevê definir linhas orientadoras para as RNG no início deste ano. Tendo em conta o que acabou de dizer, a "solução perfeita" para a Europa seria algo parecido com o que se está a fazer em Portugal e na Holanda?

Será muito difícil para a Comissão Europeia criar um modelo que funcione em toda a Europa. De um lado, temos os incumbentes e, do outro, temos os operadores alternativos. E as diferenças entre ambos são tão grandes que será quase impossível criar um modelo único para todos os casos. É por isso que acredito que é bom reforçar as responsabilidades dos reguladores nacionais de forma que eles próprios possam resolver localmente estes problemas.

Mas a tendência não deverá ser essa. Com a aprovação do novo pacote regulatório, cada vez mais as decisões ficarão centralizadas em Bruxelas e não nos mercados nacionais...

LISBOA SERÁ PALCO DO CONGRESSO ANUAL DO FTTH COUNCIL

O evento decorrerá a 24 e 25 de Fevereiro, para debater serviços possíveis sobre redes de fibra óptica, com o mote "Taking your life to new horizons". Espera-se a presença de três mil participantes

O FTTH Council Europe escolheu Lisboa para a realização da sua conferência anual, que decorrerá a 24 e 25 de Fevereiro. Com o mote "Taking your life to new horizons", o encontro focar-se-á sobre as novas e inovadoras aplicações que serão possíveis com as redes de fibra óptica. A escolha de Portugal para a Conferência de 2010 resultou, segundo Karel Helsen, de vários motivos, com destaque para o avanço que o País está a registar no desenvolvimento das RNG. "Escolhemos os países mais hospitaleiros e aqueles onde a realização deste evento mais pode contribuir para impulsionar o desenvolvimento destas redes. Percebemos que Portugal está a avançar nesta área e, quando vemos

isso acontecer num país, consideramos sempre a possibilidade de realizar a nossa conferência", refere o presidente da instituição, que agrega mais de 120 empresas líderes do mercado europeu. Esperam-se mais de três mil participantes na Conferência, o que a torna a maior do mundo nesta área. O facto de Portugal ter um ótimo clima, um povo hospitaleiro e simpático e oferecer ótimas condições para a realização do evento, que está ainda a ter todo o apoio do governo, Anacom e operadores, também contribuiu para esta opção. Karel Helsen refere que o encontro reunirá muitas empresas da área dos serviços, pois pretende-se dar a conhecer o que é possível oferecer sobre as RNG. "Não vamos falar sobre tecnologia, mas sim

sobre os serviços que ela garante e as potencialidades destes", destaca, abordando-se também o processo de desenvolvimento da fibra em Portugal como exemplo do que deverá ser feito um pouco por toda a Europa. Mais informações sobre o evento em www.ftthconference.eu. O FTTH Council Europe tem como missão acelerar a adopção da fibra óptica (FTTH) em toda a Europa, defendendo que só esta infra-estrutura permitirá uma maior qualidade de vida, o aumento da competitividade e um melhor ambiente. Por isso mesmo tem vindo a desenvolver as mais variadas actividades no sentido de demonstrar o impacto positivo do FTTH na economia, na sociedade e no ambiente.



Esperamos que a nova recomendação que a Comissão Europeia deverá lançar algures perto de Abril diga que os reguladores nacionais terão de fazer o máximo possível para seguir as orientações gerais da recomendação mas terão liberdade para assegurar localmente a criação de um bom modelo, que funcione no país. É por isso que aprecio tanto as iniciativas da Anacom e do regulador sectorial holandês. No fundo, temos que conseguir a maior clarificação possível de qual o modelo mais apropriado. Isto trará maior certeza e segurança para que os reguladores nacionais possam dar um passo em frente. Acredito que Bruxelas vai avançar com esta recomendação. E que a Comissão Europeia vai olhar com detalhe para aquilo que for a melhor solução e o melhor conjunto de regras para incentivar o investimento. A UE está a fazer o seu melhor, e continuo a defender que os reguladores nacionais são determinantes para que tudo isto aconteça.

Mas até as estratégias dos governos e dos reguladores sectoriais são distintas de país para país. Há quem proteja mais o seu incumbente e quem promova mais a abertura total. Como é que se consegue lidar com diferenças regulatórias tão grandes entre países?

Percebo o ponto de vista dos incumbentes, porque há um importante impacto nas receitas. Mas há também o chamado *"over the top player"*, que oferece os seus serviços e conteúdos aos utilizadores finais sobre redes de alta velocidade. Portanto, quanto mais depressa tivermos estas infra-estruturas, mais depressa estas empresas poderão oferecer estes serviços e estes conteúdos. Temos é que encontrar uma forma de monetizar o sistema. Em países com um operador muito dominante, acredito que a regulação deve dizer que estas redes são necessárias e fundamentais, mas a sua abertura deverá ser justa para quem investiu nelas.

As RGN não são apenas o FTTH ou o DOCSIS 3.0. São também o LTE nas redes móveis. Como vê o futuro de todas estas tecnologias? Haverá uma vencedora ou há espaço para a coexistência de todas?

O que vemos nos países em que as pessoas utilizam FTTH é que o tráfego de *upstream* e de *downstream* (a banda larga simétrica) é muito importante. As pessoas gostam de comunicar com a mesma rapidez de ambos os lados. Mas a banda larga simétrica só é pos-



“Os incumbentes querem investir milhões nas RNG e proteger o seu investimento. Os reguladores querem redes abertas. Portugal é um bom exemplo. Como na Holanda, o regulador sectorial quer redes abertas, numa perspectiva de *wholesale*, para todos os operadores”

sível através de fibra óptica. Mais nenhuma tecnologia o consegue. Não é possível através das redes DOCSIS 3.0, pois nela é necessário partilhar o tráfego com os serviços. Em países como a Coreia, Singapura ou Japão, o tráfego de *upstream* é três vezes maior que o tráfego de *downstream*. Isto é um exemplo que revela bem que o tráfego simétrico em redes de fibra óptica é o caminho do futuro. Todavia, encaramos o LTE como bastante complementar ao FTTH. As pessoas estão em constante deslocação e podem usar o LTE para navegar, para aceder às caixas de correio electrónico ou para fazer pesquisas na Internet. Quando estão em casa, usam as suas redes FTTH. Aliás, se vamos instalar uma rede de LTE, vamos precisar de muita fibra nas ruas, de forma a ligar todas as estações base. Portanto, quanto mais LTE tivermos disponível, mais rapidamente vamos ter o lançamento de FTTH. Seja qual for o caso, acho que é fundamental esclarecer os consumidores sobre a importância da banda larga simétrica, pois falamos demais sobre tecnologia e pouco sobre o que ela pode fazer pelas pessoas.

APOSTAR NOS SERVIÇOS

Segundo os últimos números da Anacom, de Setembro de 2009, havia em Portugal 1,7 milhões de casas com acesso a redes de alta velocidade. Mas apenas 36 mil clientes destas redes. Como é que se consegue mostrar ao cidadão normal a necessidade deste tipo de rede e como se promove uma adopção mais maciça?

Neste mundo falamos sempre de casas passadas e não de casas conectadas ou mesmo de subscritores. Se gastamos muito tempo a falar de megabits por segundo e não explicamos ao consumidor o que é que eles podem fazer com essas redes, não terão a necessária motivação para migrar para a fibra. Temos que explicar quais são os benefícios das redes, que serviços estarão disponíveis graças à fibra. Não é necessário ter uma ligação em fibra para ter *triple-play*; por isso temos que explicar qual é o valor acrescentado de se ter fibra. E isto é o que ainda falta fazer.

Mas não se trata apenas de explicar o valor acrescentado. Trata-se de lançar novos produtos e serviços que se baseiem de facto na alta velocidade...

Exactamente. Isto é também algo a que a indústria das telecomunicações e a indústria dos *media* se estão a habituar. O vídeo e o entretenimento têm sido áreas que até agora diziam respeito aos *media*. Mas cada vez mais assistimos à progressiva aproximação destes dois mundos, em crescente convergência. Os operadores não devem recriar os *media*. Aliás, devem receber as empresas de *media* de braços abertos. Porquê é que eles não podem sentar-se à mesma mesa e tratar de perceber como é que podem, em conjunto, oferecer melhores serviços? É um pouco o que vemos nos países da região Ásia/Pacífico, onde impera uma mentalidade completamente diferente a este respeito. Na Europa, as empresas de telecomunicações e as de *media* deviam juntar-se e tentar perceber como lançar novos serviços e produtos ao consumidor final.

Na Europa, não estamos ainda numa fase muito inicial nessa área?

Sim, sem dúvida. Até agora, cada uma destas indústrias tem estado no seu canto. Mas hoje já há uma tomada de consciência e uma certa predisposição para se sentarem à mesma mesa e fazerem as coisas a meias. É que só juntas é que poderão enfrentar os novos desafios do mercado e responder às exigências dos consumidores.



• RNG em Portugal e na Europa